

Beleza pantaneira gera fortes valores ecológicos

FÁBIO FELDMANN
Especial para a Folha

No final dos anos 60 e pelo menos durante boa parte dos 70, a viagem pelo "trem da morte" de Bauru (SP) a Corumbá (MS) e daí até a Bolívia era uma espécie de parte muito valorizada do ritual de iniciação à liberdade individual, intelectual e política, além de ser uma profissão de fé nos valores mais descomprometidos da vida, em oposição aos "confortos" burgueses. E, de quebra, era um ato de crença na integração latino-americana, o auge do "poncho-e-conga".

Em 1973, aos 18 anos, embarquei no "trem da morte" e meu único objetivo era chegar à Bolívia. Um autêntico mochileiro encantado pela América Latina de língua espanhola, eu não imaginava que o maior impacto, a maior surpresa, o maior encantamento me aguardasse na metade do caminho, ainda em território brasileiro: o Pantanal.

Foi o meu primeiro contato, não-programado, com a região que hoje, via Embratel, enche os olhos dos brasileiros através de uma novela e provoca, em massa, a mesma impressão mágica que eu e tantos outros já tivemos o privilégio de ter em contato com o Pantanal.

Em 87, como primeiro deputado federal eleito com uma proposta ecológica e constituinte empenhado na batalha de colocar no texto constitucional um capítulo de Meio Ambiente avançado e adequado às necessidades brasileiras, fui novamente ao Pantanal, desta vez como membro da

comissão de representantes da Subcomissão de Seguridade, Saúde e Meio Ambiente da Constituinte.

Finalmente, há cerca de 20 dias, quando pedi à Câmara dos Deputados um voto de louvor à TV Manchete pela exibição de "Pantanal", estou certo de que o fiz porque entendo que a novela conseguiu passar para o país a característica que sempre me impressionou e que considero o eixo da questão quando se procuram alternativas para o futuro da região.

Ou seja, o Pantanal é, em primeiro lugar, beleza. É o lugar por excelência onde a estética gera um valor ecológico em si. Vendo o Pantanal, é impossível não defendê-lo, não desejar que ele seja preservado para sempre, para que todas as gerações futuras possam contemplá-lo e entender —pela via da sensibilidade— o papel do equilíbrio da natureza no equilíbrio do próprio ser humano. É indescritível a sensação de conviver com jacarés andando pacificamente a poucos metros ou de assistir evoluções de bandos de garças ou as coreografias dos tuiuius. Essa é uma função ecológica importantíssima da natureza e no Pantanal ela aparece com uma clareza impressionante.

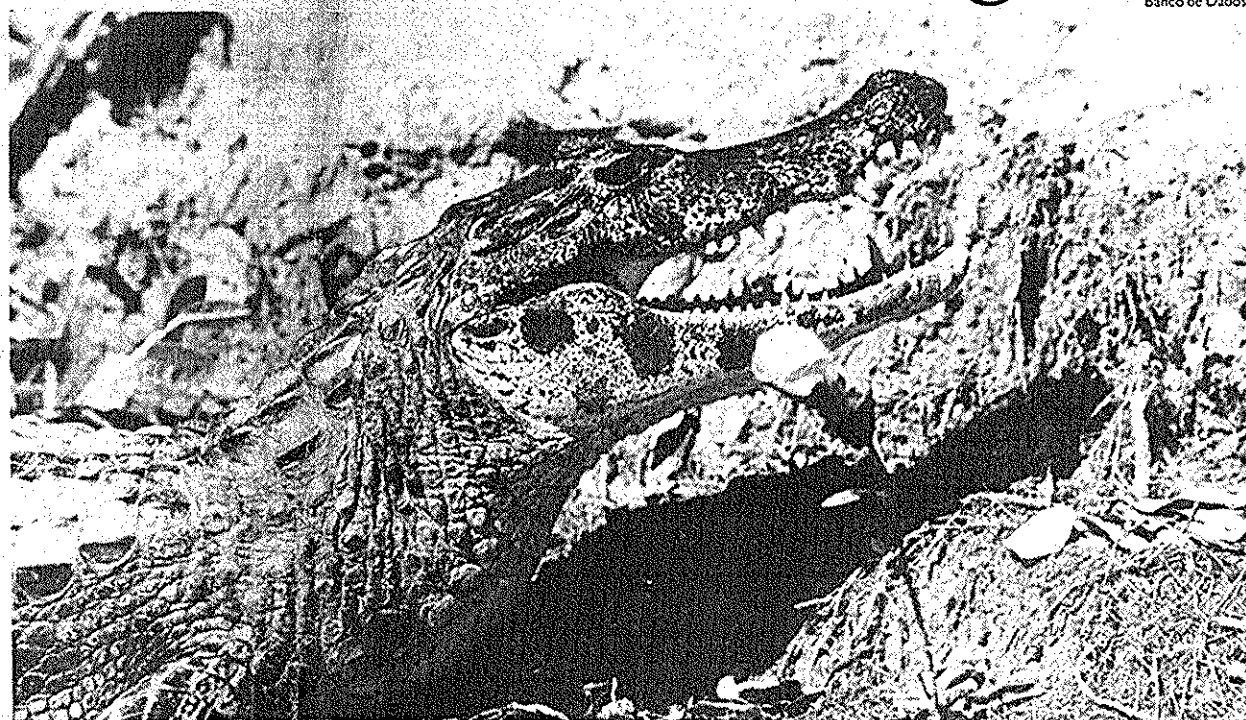
Esquecido durante séculos, o Pantanal forma uma grande depressão que abriga, numa interação muito complexa, centenas de espécies de pássaros e outros exemplares da fauna, numa área com relevo, clima, vegetação, hidrografia, população e economia também especiais. Como já constatávamos à época da Consti-

tuinte, "todas as formas de se interpretar o mundo podem encontrar no Pantanal uma rica área para suas observações. O biólogo e o artista plástico, o geólogo, o fotógrafo, o turista, o químico, o político têm no Pantanal um forte motivo para se apegar à região. Só não pode ter a ótica do predador que, na sua avidez, se torna cego e ofusca a visão dos que têm realmente algo para ver e conviver com o Pantanal".

Bem, tudo isso para chegar onde? Para chegar à burrice e à estupidez com que o Pantanal tem sido tratado nas últimas décadas por uma aliança de interesses imediatistas na qual pontificam o contrabando de peles de animais, a mineração predatória, que traz contaminação a homens e animais por mercúrio e assoreamento de lagoas e rios, o uso abusivo de agrotóxicos nas terras mais altas, contaminando toda a bacia pantaneira.

A sociedade sadia não pode cruzar os braços e esperar pela agonia do Pantanal. É preciso usar o direito que a Constituição nos deu de defender a região ao declará-la patrimônio nacional (Art. 225, parágrafo 4º), cuja utilização "far-se-á na forma da lei..."

Essa utilização adequada e sensata que a Constituição determina salta aos olhos, ao meu ver. E o turismo ecológico, para o qual temos agora condições excepcionais, visto que, ao que parece, o país despertou para o Pantanal. Quero lembrar, ainda, a esse respeito, o que diz o Art. 225 da Constituição. "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente



Jacaré do Pantanal mato-grossense continua ameaçado de extinção pela caça predatória dos coureiros

equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo..."

A citação da nossa Carta Magna vem a propósito de recentes declarações do novo presidente da Embratur, no sentido de que o ponto forte de sua gestão será o turismo ecológico como atividade econômica prestigiada e geradora de divisas. Ótimo, até aí estamos de acordo. Mas, tomando como exemplo o tema Pantanal, é preciso não esquecer que, antes de ser uma potencial fonte de divisa via turismo estrangeiro, o Pantanal precisa ser oferecido aos brasileiros como fonte de turismo educativo. A empatia, o deslum-

bramento, o encantamento que a região oferece com prodigalidade são atrativos para que se faça do Pantanal não só um exemplo de turismo ecológico, não predador, como um grande projeto nacional de educação ambiental, de que somos tragicamente carentes.

O Pantanal é um exemplo privilegiado de que as soluções para os problemas de meio ambiente requerem, antes de tudo, inteligência e criatividade. Nesta década de avanço da consciência mundial sobre a fragilidade dos recursos naturais do planeta face a conceitos de desenvolvimento absolutamente discutíveis, ter no nosso país uma região como o Pantanal é, antes de tudo, uma séria responsabilidade. É promiss-

sor saber que o atual governo aposta no turismo ecológico. É preciso advertir, porém, que a tarefa não é fácil, pois, para ser consistente, deve incutir nos turistas conceitos cientificamente corretos sobre práticas conservacionistas e traduzi-las em amor à natureza e em idéias harmônicas sobre a presença humana e as alternativas para o seu desenvolvimento. Acredito que é a única maneira de permitirmos que também nossos filhos possam encher os olhos e o coração com o Pantanal e tantas outras maravilhas que nós agora usufruimos na Terra.

FABIO FELDMANN, 35, deputado federal (PSDB-SP), é advogado, administrador de empresas e militante em entidades preservacionistas.